

«SEARA NOVA» N.º 1434
A sair em Janeiro de 1965
Provas enviadas à Censura em
..... de 7. DEZ. 1964.....

Documentos Políticos

DOSSIER M P

AO referir-se à eventualidade de uma reestruturação legal da Mocidade Portuguesa, em seu entender necessária, disse o Ministro da Educação Nacional, Prof. Galvão Teles, que a mesma deveria processar-se abandonando «preocupações de formação militarista, porque essa formação deve deixar-se às instituições que a têm como objectivo específico».

Devido à actualidade do problema, transcrevemos para os nossos leitores alguns dos mais elucidativos trechos dos teóricos da MP.

PROF. CARNEIRO PACHECO
1936

Em discurso pronunciado a 24 de Maio de 1936, o então Ministro da Educação Nacional, depois de afirmar esperançosamente que «a mocidade portuguesa, liberta do morbidismo do fado, que talvez seja arístico mas deprime, entoará de lés a lés, um coro viril de vozes puras, em que também entram a do Infante e a de Nun'Alvares, fé imperecível nos destinos do Pátria» acrescenta: «A organização nacional da mocidade portuguesa não poderia deixar de ser de moldres militares: pelo recíproco interesse de se dar à juventude uma disciplina que exercite todos aqueles nobres sentimentos e para se assegurar a carreira das armas uma melhor preparação dos que hão-de servi-la».

(«A formação da Mocidade e a defesa da Pátria», in «Portugal Renovado», Lisboa, 1940 — página 223)

PROF. MARCELO CAETANO
1937

«O movimento só começou a meter-se pelos olhos dentro do público pela farda e pelas paradas, mas então apenas se viu que aquelas eram bonitas, que os pequenos marchavam óptimamente e que davam uma nota de extremo colorido nas festas da Revolução Nacional.

Os próprios rapazes começaram a ligar muito mais atenção e a achar muito graça à M. P. quando se viram admirados na sua farda e aplaudidos no seu desfile em parada. Por isso, são dois elementos de primeira ordem a considerar na actuação psicológica da M. P. sobre os rapazes: a farda e a parada. Seria errado que o movimento ficasse por aí, mas também seria errado que não soubesse aproveitar todo o potencial educativo que há nessas duas manifestações exteriores da sua actividade»

(«Processos de formação nacionalista», in «1.ª Reunião dos dirigentes da M. P. realizada em Lisboa de 21 a 23 de Outubro de 1937», ed. da M. P., 1938 — págs. 27 a 28)

1942

«O uniforme é o símbolo da disciplina que aceitamos dos ideais que professamos, da unidade que formamos. O uniforme é a confissão altiva e pública de que servimos todos a mesma nobre e justa causa. O uniforme é a tradução dos princípios que nos guiam e dos fins que nos solicitam. Onde esteja um dirigente ou um filiado herdado, está toda a Organização. Do aprumo e da correcção da atitude e do porte do filiado uniformizado resulta o prestígio da Mocidade aos olhos de toda a gente.»

(«A Missão dos Dirigentes», página 76)

NOBRE GUEDES (1.º Comissário,
Nacional da M. P.)
1936

Numa sessão cinematográfica, em que foram exibidos filmes das juventudes italiana e alemã.

«Rapazes da «Mocidade Portuguesa»!
Não quis perder esta oportunidade de lhes falar pela primeira vez. Queria que estivessem aqui todos os inscritos; de algum modo, porém, as minhas palavras chegarão aos ausentes. Não sei se haverá outra ocasião em que possa falar aos primeiros que chegaram. Por isso não quis deixar passar esta hora. Decerto outros virão, muitos outros, com a mesma sinceridade, com igual entusiasmo; mas vocês são os primeiros e, nesta qualidade, têm direito às minhas primeiras palavras.

O momento parece-me o mais apropriado. Vamos ver agora a ressurreição da Itália, como acabamos de ver um quadro da tragédia que a Alemanha viveu antes da subida de Hitler ao poder. O romance em que o pequeno «nazi» deu a vida na luta contra o comunismo, no alvorecer da Alemanha Nova, não anda longe da verdade. As coisas passaram-se sensivelmente assim.

Os pequenos alemães, como os italianos, aprumados e graves, traduzem um estado de espírito nacional que eles têm a certeza firme de manter; formam uma barreira que os males do passado não conseguirão transpor. O nosso país não conheceu dias tão tristes como os que antecederam, na Alemanha e na Itália, a chegada de Hitler e de Mussolini. Mas sofreu também desordem social que teve a fase mais aguda em 1924 e 1925. E teríamos sido arrastados aos piores extremos se o exército português não tivesse reagido em 1926. Foi a sua reacção oportuna que nos salvou. Quis a Providência que o nosso Presidente do Conselho desse consciência ao movimento de força e criasse a doutrina em que se apoiou a regeneração pátria.»

(«Mocidade Portuguesa» — Lisboa,
1940 — págs. 31 e 32).

14 de Agosto de 1936

Na Emissora de Berlim:

«Hoje, dia de Nuno Álvares, é o mais

32
«SEARA NOVA» N.º 1431

A sair em *Junho* de 1965

Provas enviadas à Censura em

de 7 DEZ 1964 de.....

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
ORTADO

justificado para lembrar aos novos de Portugal que o Governo tem o direito de esperar que respondam ao seu chamamento, na certeza de que não há dever mais elevado, nem obrigação mais grata do que a defesa da integridade da Pátria e a luta pelo seu engrandecimento.

Não posso acabar sem referir o reconhecimento aos dirigentes da «Mocidade Alemã» pelas tocantes amabilidades com que receberam o grupo português, e sem salientar a particular simpatia com que fomos acolhidos. Por último, transmito à mocidade do meu País as saudações que para ela me pediu o chefe da «Mocidade Alemã», excelência Baldur von Schirach, logo que soube que diria para Portugal estas palavras.»

(Ibid., págs. 40 e 41)

4 de Março de 1938

Numa visita feita à M. P. pelo Senhor Hartmann Lauterbacher:

«A amizade recíproca da mocidade de Portugal e da Alemanha tem, no fundo, o simples e justificado desejo de um agradável convívio, razão suficiente da sua existência. Para que ela possa ser mais íntima e mantenha esta pureza de designios, eu farei da minha parte, como os dirigentes da «Mocidade Portuguesa», as maiores diligências.

Eis o que peço, senhor Hartmann Lauterbacher, para transmitir a S. Ex.^a o chefe da «Juventude Alemã», a par dos agradecimentos muito cordiais pela atenção da visita de V. Ex.^a.»

(Ibid., págs. 135 e 136)

1939 — I Congresso Nacional da M. P.
ENC.^o LEITE PINTO

«Por sentimento e por princípio constitucional, todo o português deverá ser elemento da defesa da Nação. E, como tal defesa só se pode fazer com formação espiritual, desenvolvimento físico e técnica de guerra, a M. P. educando moral, física e tecnicamente os rapazes portugueses, prepara futuros soldados de Portugal.»

(«Discursos, Teses, Discussões e

33
«SEARA NOVA» N.º 1431

A sair em Janeiro de 1965

Provas enviadas à Censura em

..... de 7 DEZ 1964

PROVINCAS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

34

Conclusões», pág. 153).

«Os maiores inimigos da M. P. são os maus portugueses que se dizem anti-militaristas e afirmam que a vida militar é incompatível com a educação e, até com a Civilização.»

(Ibid., pág. 167)

Prof. Marcelo Caetano: «É de opinião que se deve acabar com a mentalidade, única na Europa, que separa absolutamente as pessoas que tudo sabem da tropa, das que nada sabem dela. E supõe que o grande mérito da M. P. deve ser o de conseguir fazer de cada português um simpatizante e um admirador da instrução militar.»

(Ibid., pág. 175)

Algumas conclusões do 1.º Congresso

«Conclusão 18.ª — A educação pré-militar, destinada à preparação para a defesa nacional, é estabelecida pela lei do recrutamento militar, englobando, na parte aplicável nos três primeiros escalões da M. P., a exercitação física e a educação patriótica. Estas têm por fim facilitar e dar maior eficiência à instrução pré-militar especial de milícia e à instrução militar propriamente dita, a receber na idade própria nas fileiras do Exército e da Armada.

O Congresso da M. P. entende que a educação espiritual e física dos rapazes portugueses contribui para a preparação dos futuros soldados de Portugal.

Conclusão 19.ª — A educação pré-militar é fundamentalmente um problema pedagógico formativo, pelo que deve ser feita por processos diferentes dos da instrução militar preparatória e dos da instrução militar, e deve ser orientada pelas directrizes enunciadas na 2.ª conclusão quanto à sua aplicação física.

Conclusão 20.ª — A educação pré-militar a ministrar nos três primeiros escalões da M. P. realiza-se por:

a) Exercícios físicos adaptados, de naturalidade e depois racionalizados e orientados por forma a corresponderem às necessidades de preparação para a vida militar e a respeitarem as capacidades actuais do filiado no sentido de o aperfeiçoar harmonicamente dentro do pos-

«SEARA NOVA» N.º 1431

A sair em ~~1.ª~~ de 1965

Provas enviadas à Censura em

- 7 DEZ. 1964

..... de de

SECRETARIA DE DEFESA
(SÉDE)
CORTADO

36

«A juventude portuguesa não nasceu em passado. Cada um de nós, ao chegar a este mundo, impregnou-se de Portugal ao ponto de estar completamente convencido de que um nosso rio, o Tejo ou outro qualquer, é o mesmo que os nossos pais ou os nossos remotos avoengos olharam amorosamente.

É inútil dizerem-nos que a água passa uma vez e não volta mais. Por tradicionalismo, todas as gotas de água do Tejo — do Tejo com estas margens ou com outras margens — são as mesmas desde 1147. As mesmas águas correram ante os olhos dos que ficaram na História: Afonso Henriques, Santo António, Vasco da Gama, Mouzinho e nós. Porque todos nós, com o nome de portugueses, entramos na História. Como poderemos, pois, aceitar a incompreensão de duas gerações de portugueses? Como é que Salazar não compreende o pensamento de Albuquerque? Como pode o actual Ministro da Educação negar honestidade às concepções de um seu futuro sucessor?

As vozes estrangeiras juntei a minha que é de desacordo com o muito que se tem escrito e falado sobre a crise da juventude.

Afirmei categoricamente o absurdo de tais teses derrotadas se poderem aplicar à gente moça de Portugal.

«O dirigente da Mocidade — escreveu o Segundo Comissário Nacional — tem de ser um homem de fé e um educador. Portanto, um homem que creia firme e sinceramente em certos ideais e que saiba transmitir a sua fé e fazê-la viver por outros.

Camaradas e amigos: como estou contente de me sentir dirigente da Mocidade.»

(*Ibid.*, págs. 11-1112)

PROF. PINTO COELHO

«Cabe à Organização a honrosa mas difícil tarefa de ministrar à juventude instrução pré-militar. Acerca do modo por que essa missão tem sido cumprida podem falar, melhor do que eu, as autoridades militares. Mas afirmo, sem receio de errar, que por via de regra, tanto nas fileiras como nas Escolas Militares, se distinguem notavelmente os que foram preparados na Mocidade: pelo seu aprumo, pela sua destreza, pelo carácter, pela sua disciplina, em suma, pelo seu espírito de servir.»

(*Ibid.*, pág. 134)

«SEARA NOVA» N.º 1431

A sair em ~~Junho~~ de 1963

Provas enviadas à Censura em

..... de 7 DEZ. 1964 de.....

SEMIUNIVERSITARIO
ISLÓDIA
CORTEJO